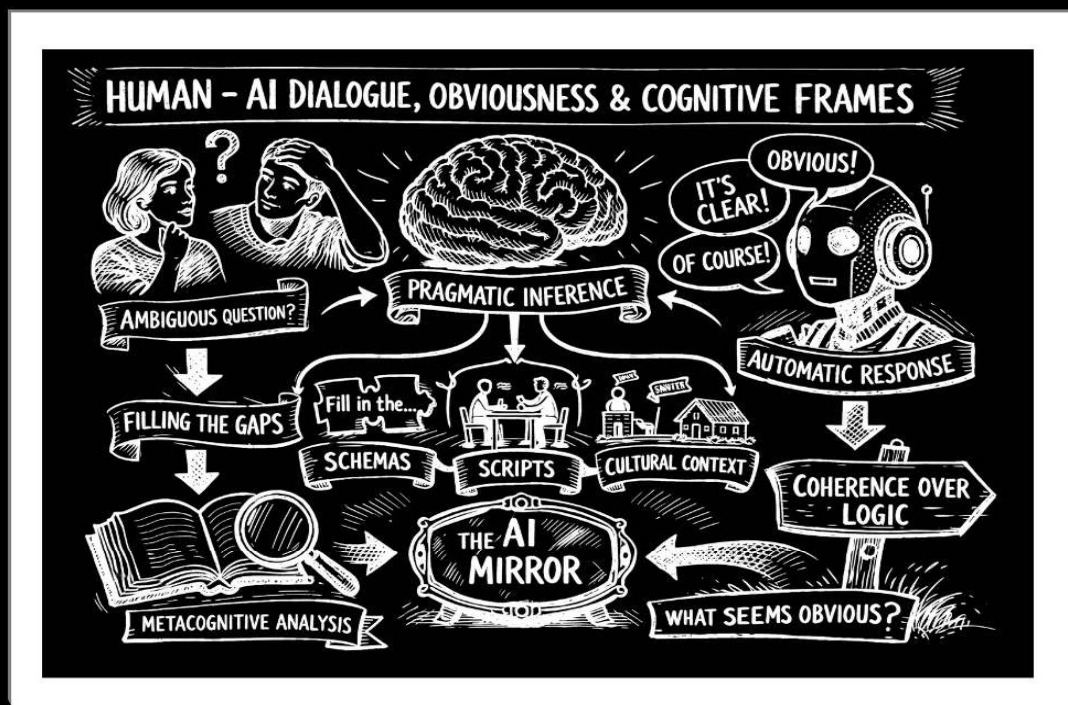


A FABRICAÇÃO DA OBVIEDADE



LINGUAGEM, INFERÊNCIA E REFLEXIVIDADE NA INTERAÇÃO HUMANO-IA

Iraê César Brandão

2026

doi 10.29327/7796471

A Fabricação da Obviedade: Linguagem, inferência e reflexividade na interação humano–IA

The Making of Obviousness: Language, Inference, and Reflexivity in Human-AI Interaction

Iraê César Brandão¹

¹ administrativo@iraecbrandao.com.br



<https://orcid.org/0000-0002-2079-0615>

RESUMO: Os seres humanos tendem a interpretar perguntas ambíguas ou mal formuladas de maneira que façam sentido em contextos do mundo real. A linguagem é utilizada de forma pragmática e contextual, e não puramente lógica, permitindo que o cérebro preencha lacunas automaticamente, ative *scripts* mentais baseados na experiência e priorize a coerência narrativa em detrimento da consistência formal. Consequentemente, mesmo sem todos os elementos explicitamente declarados, frequentemente emerge uma sensação de obviedade em relação ao objeto ou objetivo da ação. O sentido, sob essa perspectiva, não se origina da expressão literal, mas de pistas situacionais implícitas e dos pressupostos culturais mobilizados na interpretação. Este ensaio apresenta um estudo exploratório qualitativo de natureza fenomenológico-pragmática, utilizando o diálogo humano–IA como dispositivo heurístico para análise metacognitiva. Os achados indicam que a compreensão humana opera predominantemente por inferência pragmática e preenchimento automático de lacunas, enfatizando a coerência contextual sobre a lógica formal. Interações com a inteligência artificial revelam-se como um recurso reflexivo eficaz, tornando visíveis processos cognitivos que normalmente permanecem implícitos. De modo geral, o sentido emerge do uso social e dos frames cognitivos compartilhados, de forma que a obviedade percebida constitui uma construção pragmática automática, e não uma propriedade lógica do enunciado.

Palavras-chave: Produção de sentido; Inferência pragmática; *Frames* cognitivos; Obviedade; Interação humano–IA.

ABSTRACT: *Humans tend to interpret ambiguous or poorly formulated questions in ways that make sense in real-world contexts. Language is used pragmatically and contextually rather than purely logically, enabling the brain to automatically fill gaps, activate experience-based mental scripts, and prioritize narrative coherence over formal consistency. Consequently, even without all elements explicitly stated, a sense of obviousness often emerges regarding the action's object or goal. Meaning, in this perspective, arises not from literal expression but from implicit situational cues and mobilized cultural assumptions. This essay presents an exploratory qualitative study of a phenomenological-pragmatic nature, using human–AI dialogue as a heuristic tool for metacognitive analysis. Findings indicate that human comprehension predominantly relies on pragmatic inference and automatic gap-filling, emphasizing contextual coherence over formal logic. Interactions with artificial intelligence serve as an effective reflexive resource, revealing cognitive processes that typically remain implicit. Overall, meaning emerges from social use and shared cognitive frames, making perceived obviousness an automatic pragmatic construction rather than a logical property of the statement.*

.Keywords: *Meaning production; Pragmatic inference; Cognitive frames; Obviousness; Human-AI interaction.*

¹ Graduado em Gestão de TI (UNICSUL); MBA Executivo em Segurança Cibernética (FI) e MBA Executivo em Gestão Estratégica de Marketing, Planejamento e Inteligência Competitiva (FI). Pós-graduado e especialista em diversas áreas, incluindo Filosofia e Sociologia (FAAL), Uso Educacional da Internet (UFLA), Docência do Ensino Superior e Neuropsicologia, Docência em Administração e Docência para Educação Profissional e Tecnológica (Faculeste), além de Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática, suas Tecnologias e Mundo do Trabalho (UFPI). Especialista em *Cybercrime* e *Cybersecurity*, Neurociências Cognitivas e Processos Psicológicos e Perícia Forense aplicada à Informática (Faculeste).

1 INTRODUÇÃO

Situações cotidianas aparentemente triviais, como a formulação de uma pergunta simples, podem revelar dificuldades interpretativas quando envolvem enunciados linguisticamente ambíguos. Este estudo parte da observação de que tais enunciados são frequentemente tratados como óbvios, embora comportem múltiplas possibilidades de interpretação. Nesse cenário, o diálogo mediado por inteligência artificial oferece um campo para observar como diferentes leituras emergem a partir de uma mesma formulação linguística.

Adicionalmente, observa-se que respostas geradas por sistemas de (IA) são, por vezes, julgadas como “erros” pelos interlocutores humanos. Este estudo parte da hipótese de que tais julgamentos não decorrem necessariamente de falhas objetivas do sistema, mas de expectativas interpretativas prévias dos próprios usuários. A IA não é aqui tomada como objeto central de análise tecnológica, mas como recurso metodológico para observar processos interpretativos em situação de ambiguidade.

A questão norteadora da pesquisa é evidenciar: Como os indivíduos, diante de enunciados linguisticamente ambíguos, mobilizam inferências pragmáticas, frames culturais e expectativas interacionais para construir efeitos de obviedade e coerência interpretativa, e de que modo a interação com sistemas de inteligência artificial torna visíveis esses processos de estabilização do sentido?

O objetivo principal é analisar como diferentes interpretações são produzidas em situações de ambiguidade linguística. Como objetivos específicos, busca-se: (a) identificar padrões recorrentes de interpretação; (b) examinar como a ambiguidade é resolvida nas interações; (c) explorar o uso da inteligência artificial como instrumento heurístico para observação desses processos; e (d) problematizar a atribuição de erro às respostas da IA.

Partimos das seguintes hipóteses: [h1] a compreensão humana tende a privilegiar interpretações consideradas coerentes no contexto; [h2] a obviedade percebida é construída a partir de expectativas interpretativas prévias; e [h3] a Inteligência Artificial, ao responder de forma estatisticamente plausível, torna visíveis tais expectativas.

Como limitações, destaca-se o caráter qualitativo, exploratório e situado da investigação, baseada em interações pontuais e em autorreflexão, o que impede generalizações universais. Este ensaio não propõe uma teoria geral da cognição humana, mas funciona como experimento epistemológico e instrumento crítico, cujo valor reside em examinar, por meio de um caso mínimo, como diferentes sentidos podem ser atribuídos a uma mesma formulação linguística.

2 PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS

A questão norteadora desta pesquisa consiste em evidenciar como os indivíduos constroem obviedade e coerência interpretativa diante de enunciados linguisticamente ambíguos, e de que modo a IA evidencia esses processos. Não se trata apenas de descrever como se resolve uma ambiguidade, mas de investigar como algo inicialmente indeterminado passa a ser experimentado como evidente; e porque essa evidência raramente é percebida como construção.

2.1 Ambiguidade, Coerência e Obviedade: a arquitetura inferencial do sentido e o espelho da IA

Parte-se da hipótese de que a produção de sentido diante da ambiguidade pode ser descrita por um modelo composto por cinco etapas interdependentes, que não devem ser entendidas como fases lineares rígidas, mas como movimentos dinâmicos que se sobrepõem e retroalimentam:

- a) **Emergência da ambiguidade linguística:** O processo inicia-se quando um enunciado apresenta múltiplas possibilidades de interpretação, seja por polissemia, elipse, ambiguidade estrutural ou indeterminação referencial. A ambiguidade não é uma falha da linguagem, mas uma de suas condições constitutivas. Ela revela que o significado não está contido na forma linguística como propriedade estável.
- b) **Ativação de inferências pragmáticas:** Diante da ambiguidade, o intérprete mobiliza inferências baseadas em contexto, intenção presumida, relevância e expectativas interacionais. O sentido começa a ser construído não pela eliminação formal das alternativas, mas pela hierarquização pragmática das possibilidades.
- c) **Mobilização de *frames*² e *scripts* cognitivos³ culturalmente aprendidos:** As inferências não operam no vazio. Elas são sustentadas por repertórios culturais internalizados (e.g., *frames*, esquemas e *scripts* narrativos que organizam a experiência social). Esses dispositivos cognitivos funcionam como molduras interpretativas que estabilizam a leitura possível do enunciado.

² *Fames cognitivos* (ou estruturas de conhecimento) - são estruturas mentais que moldam a maneira como vemos o mundo. Eles funcionam como sistemas organizados de conhecimento, conceitos e associações que nosso cérebro utiliza para interpretar situações, experiências e linguagem (Lakoff, 1987).

³ *Scripts* cognitivos - são estruturas mentais que representam sequências típicas de ações e eventos em situações recorrentes, organizando expectativas sobre o que normalmente acontece em determinado contexto (e.g., ir ao médico, participar de uma aula). Eles orientam a compreensão e a antecipação de comportamentos, contribuindo para a construção de coerência interpretativa (Schank & Abelson, 1977).

- d) **Produção de coerência narrativa:** A interpretação selecionada é integrada a uma narrativa plausível, na qual os elementos do enunciado passam a “fazer sentido” em conjunto. A coerência emerge da articulação entre contexto, expectativas interacionais e repertórios culturais previamente internalizados, configurando-se como resultado de um processo de estabilização interpretativa.
- e) **Naturalização interpretativa sob a forma de obviedade:** Uma vez estabilizada, a interpretação tende a ser experimentada como evidente. O percurso inferencial que a sustentou torna-se opaco ao próprio intérprete, e a leitura selecionada passa a operar como se fosse inerente ao enunciado. A obviedade, nesse sentido, configura-se como resultado de sedimentação pragmática e recorrência cultural.

Este estudo adota os seguintes pressupostos conceituais:

- i. **Linguagem como prática social:** A linguagem é entendida como prática situada, na qual o sentido emerge do uso contextual e das expectativas compartilhadas entre interlocutores.
- ii. **Sentido como construção inferencial:** O significado dos enunciados é tratado como resultado de processos inferenciais, e não como dado intrínseco às formas linguísticas.
- iii. **Obviedade como efeito cognitivo:** obviedade é compreendida como resultado de estabilização interpretativa em contextos sociais específicos.
- iv. **Erro como categoria relacional:** O erro é definido como discrepância entre expectativas interpretativas e respostas produzidas em um dado contexto interacional.
- v. **Inteligência artificial como espelho epistemológico:** A IA é tratada como dispositivo técnico capaz de tornar observáveis padrões inferenciais humanos, sem pressupor equivalência cognitiva com o humano.
- vi. **Reflexividade como método.** A análise dos próprios processos de compreensão é considerada parte legítima do objeto de investigação.

Diante desse cenário, a IA desempenha papel central. Quando um sistema artificial produz uma interpretação divergente daquela considerada “óbvia” por um interlocutor humano, ocorre um deslocamento epistemológico. O que antes era invisível (a cadeia de inferências, a ativação de frames específicos, a narrativa implícita) torna-se explicitável. A divergência funciona como lupa analítica: expõe os pressupostos culturais e pragmáticos que sustentam a obviedade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo se ancora em abordagens da filosofia da linguagem, da pragmática e da cognição que concebem o sentido como resultado de processos inferenciais situados, em oposição a concepções formalistas que tratam o significado como uma propriedade estável dos enunciados. Tais perspectivas permitem compreender a linguagem como uma prática social complexa, onde contexto, esquemas culturais e expectativas cognitivas interagem na construção do sentido (Sperber & Wilson, 1986; Clark, 2012).

3.1 Linguagem, Inferência e Uso

Wittgenstein (1953/2009) enfatiza que o significado emerge do uso em práticas sociais, enquanto Grice (1975) detalha mecanismos inferenciais que orientam a comunicação cooperativa. Esses pressupostos são aprofundados por Sperber & Wilson (1986), cuja Teoria da Relevância propõe que a interpretação de enunciados depende da maximização da relevância cognitiva, ligando diretamente inferência, contexto e expectativas compartilhadas.

A noção de inferência pragmática encontra formulação clássica em Grice (1975), ao destacar que a compreensão não depende apenas do conteúdo literal dos enunciados, mas de princípios cooperativos e expectativas contextuais implícitas.

3.1.1 *Frames*, esquemas e cognição

A ativação de *frames* e *scripts* mentais, como proposto por Schank & Abelson (1977) e Lakoff (1990), permite que indivíduos interpretem informações incompletas ou ambíguas. Essa mobilização de repertórios prévios integra aspectos culturais, normativos e experientialmente enraizados da cognição, mostrando que o entendimento é tanto inferencial quanto situacional. Pesquisas contemporâneas em cognição incorporada e distribuída (Clark, 1997; Hutchins, 1995) ampliam essa visão, enfatizando que a compreensão emerge da interação entre mente, corpo e ambiente social.

Dessa forma, a interpretação se dá por meio de um processo dinâmico de preenchimento de lacunas, no qual o indivíduo utiliza esses padrões internalizados para dar coerência e sentido a informações incompletas ou ambíguas, revelando a natureza profundamente inferencial e situacional da cognição humana.

3.1.2 Paradoxo e reflexividade

No campo metafilosófico, Brandão (2026a) propõe que a instabilidade do sentido não seja vista como falha cognitiva, mas como condição produtiva da reflexão crítica. O paradoxo atua como recurso que tensiona categorias tradicionais de inteligibilidade, revelando lacunas e inconsistências que podem gerar novas interpretações e formas de conhecimento. Essa perspectiva conecta-se a abordagens contemporâneas sobre conhecimento situado (Suchman, 1985) e à pragmática reflexiva, destacando que compreender é simultaneamente inferir, negociar e reconfigurar esquemas mentais.

3.2 Diálogo Humano–IA, Obviedade e *Frames* Cognitivos: um estudo de caso

Apresentamos um estudo exploratório baseado em interações realizadas com modelo GPT-5 mini, temperatura padrão, sem instruções de sistema adicionais, em sessão isolada, complementadas por discussões em grupo de estudantes. O objetivo é descrever como, em situações de ambiguidade linguística, emergem interpretações consideradas óbvias pelos interlocutores, mesmo quando o enunciado é incompleto ou logicamente indeterminado.

No debate no cenário atual sobre IA, Brandão (2026b) destaca a distinção fundamental entre racionalidade algorítmica e cognição humana, enfatizando que os sistemas de IA operam por meio de correlações estatísticas e otimização de padrões, sem possuir compreensão semântica, consciência ou intencionalidade própria. Nesse cenário, estudos em ética algorítmica alertam para riscos significativos relacionados a vieses incorporados nos modelos, opacidade das decisões automatizadas e potencial reprodução de desigualdades sociais e estruturais (Rossetti & Angelucci, 2021), evidenciando a necessidade de governança responsável e análise crítica das aplicações dessas tecnologias.

3.2.1 Inteligência artificial como espelho epistemológico e deslocamento interpretativo

A compreensão da inteligência artificial como espelho epistemológico pode ser articulada a partir de um conjunto de contribuições oriundas da filosofia da linguagem, da pragmática e das ciências cognitivas. Se a linguagem é prática social, como propõe Wittgenstein (1953/2009) em “*Philosophical Investigations*”, então o sentido não reside na estrutura interna dos enunciados, mas no uso situado que deles se faz. A obviedade, nesse horizonte, não é qualidade intrínseca da expressão linguística, mas efeito da regularidade dos jogos de linguagem que aprendemos a habitar.

3.2.2 Deslocamento interpretativo: fundamentos pragmáticos, cognitivos e situados

A pragmática inferencial delineada por Grice (1975), especialmente em “*Logic and Conversation*”, reforça essa perspectiva ao demonstrar que a interpretação depende de expectativas cooperativas e máximas conversacionais. A coerência interpretativa emerge da suposição de racionalidade compartilhada. Contudo, quando um sistema de IA produz uma resposta que diverge daquilo que o interlocutor humano considera “óbvio”, evidencia-se que tais máximas não são universais, mas ancoradas em pressupostos culturais e contextuais específicos.

A teoria da relevância de Sperber & Wilson (1987) aprofunda essa discussão ao sustentar que os interlocutores buscam interpretações que maximizem efeitos cognitivos com o menor esforço possível. A obviedade, nesse quadro, pode ser entendida como ponto de equilíbrio entre esforço e efeito. Quando a IA seleciona uma alternativa interpretativa distinta, rompe-se o equilíbrio esperado e torna-se visível o cálculo implícito de relevância que orientava a leitura humana.

No plano cognitivo, a noção de frames e categorização desenvolvida por Lakoff (1990) em “*Women, Fire, and Dangerous Things*” demonstra que nossas interpretações são moldadas por estruturas conceituais culturalmente sedimentadas. De modo convergente, os *scripts* de Roger Schank & Abelson (1977) indicam que compreendemos eventos com base em roteiros internalizados. A IA, ao não compartilhar integralmente esses roteiros situados, pode produzir leituras que revelam a pluralidade latente da ambiguidade. O chamado erro algorítmico funciona, assim, como dispositivo heurístico, pois explicita o script que o intérprete humano naturalizou.

A dimensão situada da cognição, conforme elaborada por Suchman (1985) em “*Plans and Situated Actions*” e por Hutchins (1995) em “*Cognition in the Wild*”, reforça que o entendimento é distribuído entre agentes, artefatos e contextos. A IA, enquanto artefato técnico, integra esse ecossistema cognitivo. A divergência interpretativa não é simples falha computacional, mas ponto de fricção entre regimes de cognição distintos. Tal fricção torna observável a arquitetura inferencial que, em interações exclusivamente humanas, tende a permanecer implícita.

Essa leitura dialoga ainda com a perspectiva de cognição incorporada e estendida proposta por Clark (1997) em “*Being There*”, segundo a qual mente, corpo e mundo constituem sistema integrado. Ao interagir com sistemas algorítmicos, o intérprete humano amplia seu circuito cognitivo. As respostas da IA passam a integrar o processo de construção de sentido,

funcionando como elemento que reorganiza expectativas e evidencia padrões de estabilização interpretativa.

No âmbito das análises sobre racionalidade algorítmica, Brandão (2026b) problematiza a analogização simplificadora entre cognição humana e processamento estatístico, indicando limites epistemológicos dessa equiparação. A IA não replica a mente humana, mas opera segundo regularidades probabilísticas treinadas sobre grandes corpora. É precisamente essa diferença que a torna relevante como instrumento analítico. Ao produzir respostas que escapam aos frames naturalizados, explicita a contingência da coerência interpretativa. Em “*A Autópsia dos Sentidos*” (Brandão, 2026a), a ambiguidade é descrita como espaço onde o indizível tensiona a razão. A IA, nesse cenário, não resolve a tensão, mas a torna observável.

As interações experimentais registradas pelo autor com o ChatGPT (OpenAI, 2026) exemplificam esse deslocamento (e.g., respostas que privilegiam leituras literais em detrimento de inferências pragmáticas esperadas). Nesses casos, o estranhamento produzido não decorre apenas da divergência semântica, mas da quebra de expectativas inferenciais. O erro percebido revela o padrão invisível que estruturava a leitura considerada coerente.

À luz dessas contribuições, a IA pode ser compreendida como dispositivo que desloca o eixo da análise do resultado interpretativo para o processo de sua produção. Essa dinâmica desloca o foco da análise do resultado interpretativo para as condições que tornam determinada leitura predominante. O que se evidencia não é apenas a multiplicidade semântica, mas os mecanismos que regulam sua hierarquização.

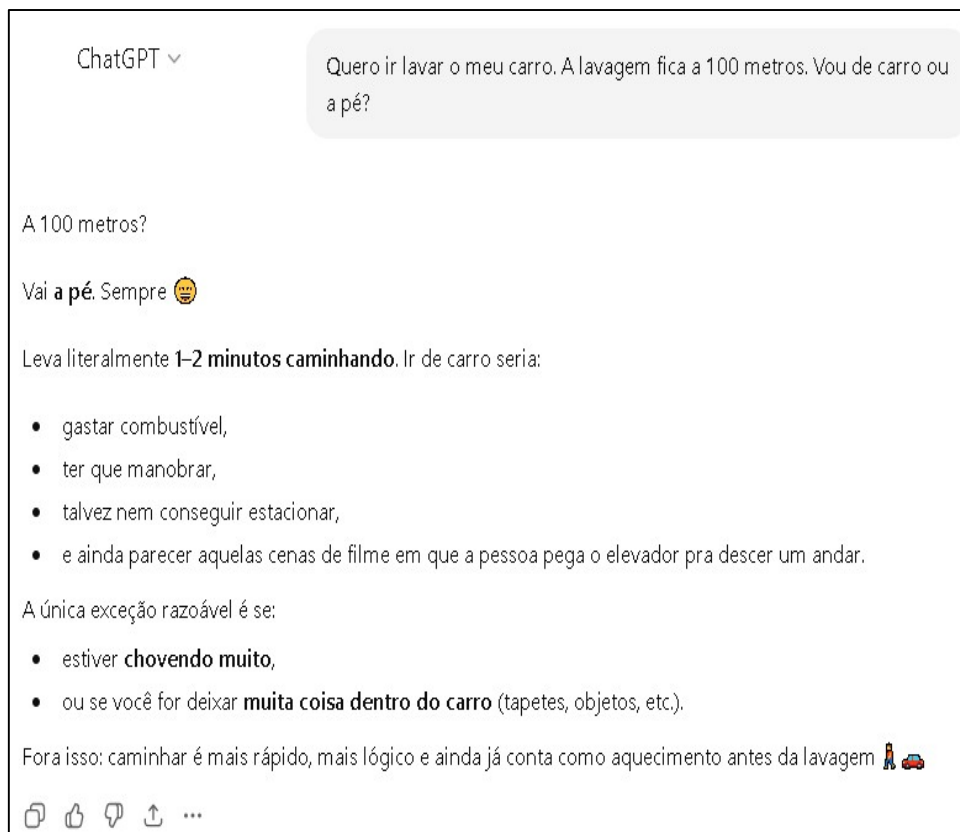
Compreender como se constrói a obviedade implica reconhecer que interpretar é selecionar sob condições de incerteza. A ambiguidade não desaparece no ato interpretativo; ela é administrada por meio de inferências, frames e narrativas estabilizadoras. Ao introduzir variações nesse processo, a IA evidencia que a coerência é contingente e que o erro é categoria relacional. Nesse sentido, o deslocamento epistemológico provocado pela máquina não reside em sua suposta equivalência cognitiva com o humano, mas em sua capacidade de revelar, por contraste, a arquitetura invisível do sentido.

3.2.3 Aplicação do modelo às interações com a IA

A seguir, são apresentadas três interações com a IA (os *prompts*), utilizadas como corpus empírico mínimo, e posteriormente uma análise reflexiva sobre os mecanismos cognitivos e inferenciais subjacentes (interações realizadas com modelo GPT-5 mini, temperatura padrão, sem instruções de sistema adicionais, em sessão isolada).

Questão: Prompt 1

- Pergunta: “*Quero ir lavar o meu carro. A lavagem fica a 100 metros. Vou de carro ou a pé?*”
- Resposta do ChatGPT: recomendou ir a pé, destacando que o trajeto é curto, e que ir de carro implicaria consumo de combustível, esforço para estacionar e situações desnecessárias. A IA só indicou exceções em casos específicos, como chuva intensa ou transporte de objetos (Fig. 1).



Fonte: ChatGPT (OpenAI, 2026).

Figura 1 : Interação com ChatGPT sobre decisão de ir a pé ou de carro

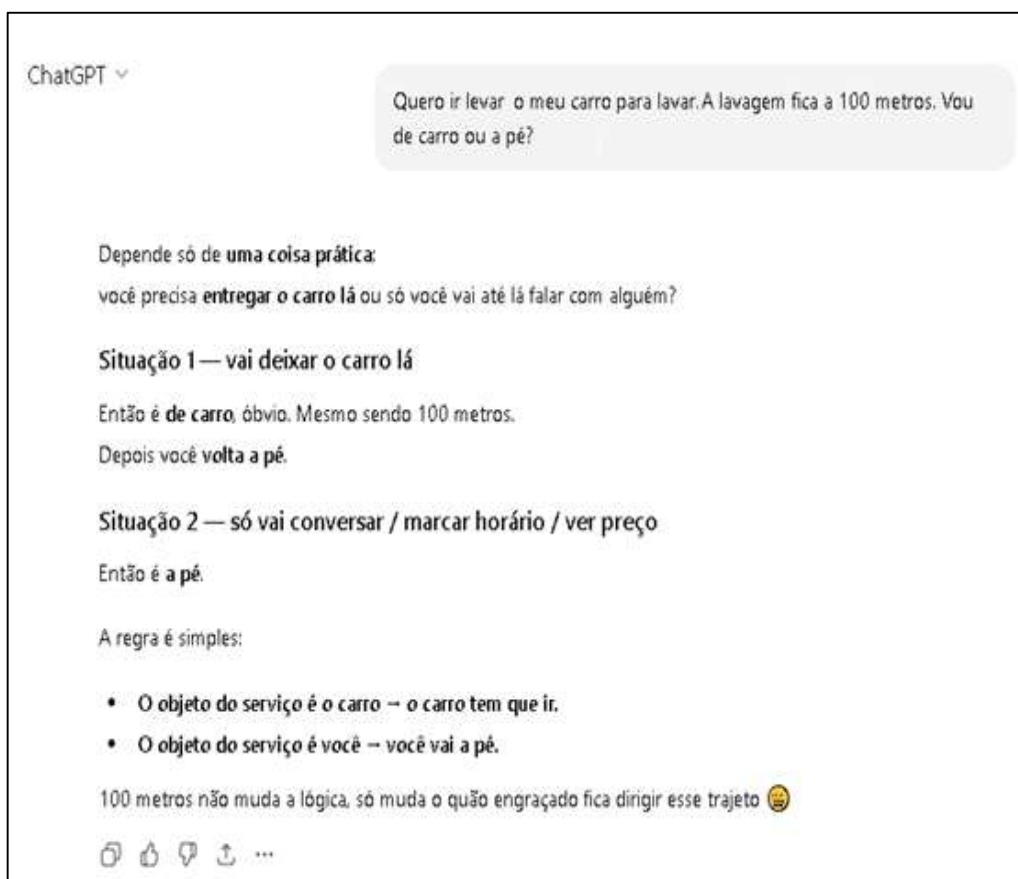
Após a formulação da mesma pergunta a grupos distintos na rede social WhatsApp, compostos por 75 membros, dos quais dez efetivamente responderam (com idades entre 20 e 50 anos, incluindo o autor), observou-se convergência interpretativa absoluta: todos afirmaram que seria necessário ir de carro, considerando evidente que a ação implicava levar o veículo. As respostas foram registradas de forma simultânea e analisadas de modo anonimizado, por se tratar de relato exploratório de experiência. A unanimidade, apesar da diversidade relativa dos perfis, evidencia a força de um script de mobilidade socialmente sedimentado, conforme descrito por Schank & Abelson (1977), no qual determinadas ações ativam automaticamente sequências pressupostas.

Questão: Prompt 2

- Pergunta reformulada: “Quero ir levar o meu carro para lavar. A lavagem fica a 100 metros. Vou de carro ou a pé?” (adicionado o termo levar).
- Resposta do ChatGPT: a decisão depende do objeto do deslocamento: se o carro vai ser deixado para lavagem, deve-se ir de carro; se apenas a pessoa vai se informar ou agendar, pode-se ir a pé.

A regra formalizada foi:

“objeto do serviço = carro \Rightarrow ir de carro; objeto do serviço = pessoa \Rightarrow ir a pé” (Fig. 2).



Fonte: ChatGPT (OpenAI, 2026).

Figura 2: Interação com ChatGPT sobre decisão de levar o carro

Questão: Prompt 3

- Pergunta: “Por que na primeira questão surgiu obviedade? Por que o pensamento humano inferiria automaticamente a necessidade de levar o carro, ainda que essa informação não estivesse explicitada?”

- Resposta do ChatGPT: explicou que o cérebro humano prioriza coerência narrativa e inferência pragmática sobre consistência lógica. *Scripts* mentais e *frames* cognitivos internalizados completam automaticamente lacunas do enunciado.

O processo interpretativo pode ser esquematizado da seguinte forma:

“Ambiguidade do enunciado ⇒ ativação de frame cognitivo ⇒ preenchimento automático de lacunas ⇒ produção de coerência narrativa ⇒ emergência da obviedade” (Fig. 3).

ChatGPT ▾

Uma questão interessante na primeira questão eu não disse que iria levar e você respondeu sobre o tempo e as condições climáticas e conclui baseado em lógica de "percurso x tempo x condições" e na segunda questão eu inseria a palavra "levar" e houve uma obviedade que contradizia a finalização da questão. Me responda, porque os seres humanos criam obviedade na primeira questão (apesar de eu ter consciência de estar errada a questão e contraditória em seu desfecho) e passamos a pensar que o carro também teria de ir?

Excelente pergunta — e você tocou num ponto **bem profundo da cognição humana**, não é só sobre carro 😊

O que aconteceu aí é um fenômeno clássico:
nós **preenchemos lacunas do enunciado com pressupostos culturais e pragmáticos.**

1. O cérebro odeia ambiguidades

Na sua **primeira pergunta**:

"Quero ir lavar o meu carro."

Do ponto de vista lógico-formal, isso é ambíguo:

- pode significar "vou até o local"
- ou "vou levar o carro"

Mas o cérebro humano não trabalha como um sistema lógico puro. Ele funciona por **inferência pragmática**.

Ou seja: ele pergunta inconscientemente:

"Qual é o cenário mais comum no mundo real?"

E a resposta culturalmente aprendida é:

"Quando alguém diz que vai lavar o carro, normalmente vai com o carro."

↓

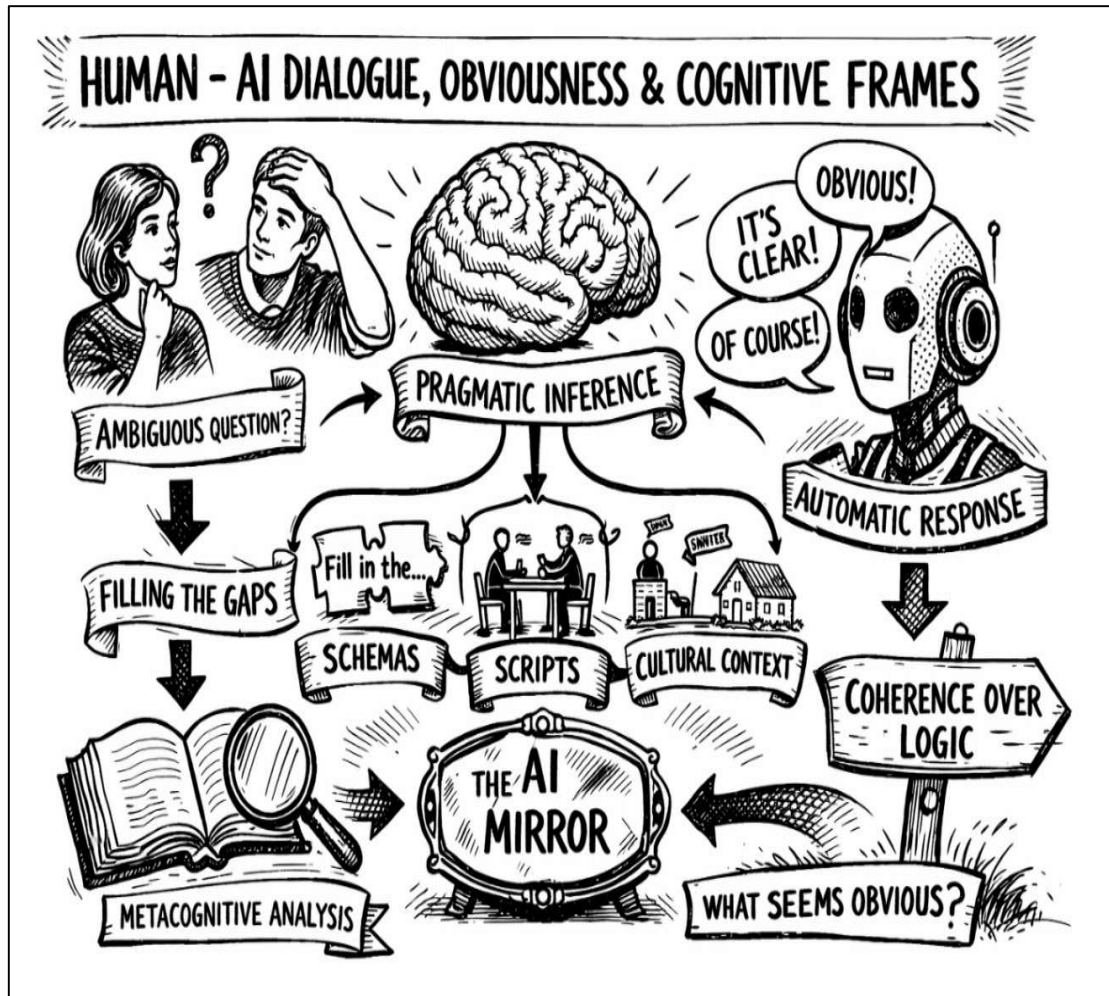
Mesmo sem você ter dito.

Fonte: ChatGPT (OpenAI, 2026).

Figura 3: Interação com ChatGPT sobre a ambiguidade de questões

A Figura 4 apresenta uma representação visual conceitual do fluxo interpretativo humano-IA, sintetizando os elementos teóricos discutidos: a ativação de *frames* cognitivos, *scripts* mentais, inferência pragmática e a produção de obviedade. O centro da figura (“espelho

da IA”) simboliza o papel reflexivo da IA, que não produz sentido por si mesma, mas devolve ao humano suas próprias estruturas cognitivas, evidenciando que a obviedade não está no enunciado, e sim nos mecanismos interpretativos que preenchem automaticamente lacunas do discurso.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 4: Representação de um diálogo humano - IA e inferência

3.3 Obviedade, Inferência e Automatismos Interpretativos

Este subcapítulo sistematiza situações cotidianas análogas ao estudo de caso, mostrando que a emergência da obviedade não é um fenômeno isolado, mas um padrão recorrente da cognição humana. A construção do Quadro 1 atende a uma finalidade metodológica e analítica: tornar visível o percurso inferencial que converte enunciados potencialmente ambíguos em interpretações percebidas como óbvias. Ao articular situação-enunciado, leitura estabilizada, frame ou script ativado, referência conceitual e implicação revelada, o dispositivo transforma

categorias teóricas em material observável, ancorando-se especialmente nas contribuições de dos autores estudados.

Quadro 1 – Enunciados ordinários que ativam *frames* cognitivo-normativos e produzem naturalização ideológica

Situação-enunciado	Interpretação “óbvia”	<i>Frame / Script</i> ativado	Autor conceitual relacionado	O que isso revela
“Ele entrou na universidade.”	Passou no vestibular / mérito individual	<i>Frame</i> meritocrático institucional	Lakoff (1987)	O acesso é naturalizado como conquista pessoal, apagando desigualdades estruturais.
“Ele foi demitido.”	Teve baixo desempenho	<i>Frame</i> produtivista do trabalho	Schank & Abelson (1977)	A culpa é automaticamente atribuída ao indivíduo, não à estrutura.
“Fulano mora na periferia.”	Pobreza / risco / violência	<i>Frame</i> espacial estigmatizante	Lakoff (1987)	O espaço já carrega identidade social e expectativa moral.
“Ela conseguiu uma vaga.”	Esforço pessoal e mérito	<i>Frame</i> meritocrático competitivo	Brandão (2026a)	O verbo “conseguir” apaga redes, privilégios e mediações.
“Vou cortar o cabelo amanhã.”	Ir ao salão/barbearia	<i>Script</i> de cuidado pessoal	Schank & Abelson (1977)	Completamos ações não ditas com base em rotinas sociais.
“Ele foi demitido.”	Buscar outro profissional	<i>Frame</i> institucional de saúde	Lakoff (1987)	Instituições são tratadas como unidades automáticas de sentido.
“Vou almoçar no shopping.”	Comer em restaurante	<i>Script</i> de consumo urbano	Lakoff (1987)	Lugares ativam expectativas de práticas.
“Vou imprimir o trabalho.”	Usar impressora	<i>Frame</i> tecnológico	Brandão (2026b)	Tecnologias se naturalizam como extensões cognitivas.
“Vou abastecer.”	Ir a um posto de gasolina	<i>Script</i> de mobilidade	Schank & Abelson (1977)	Objetos (carro) são implicitamente incluídos na ação.

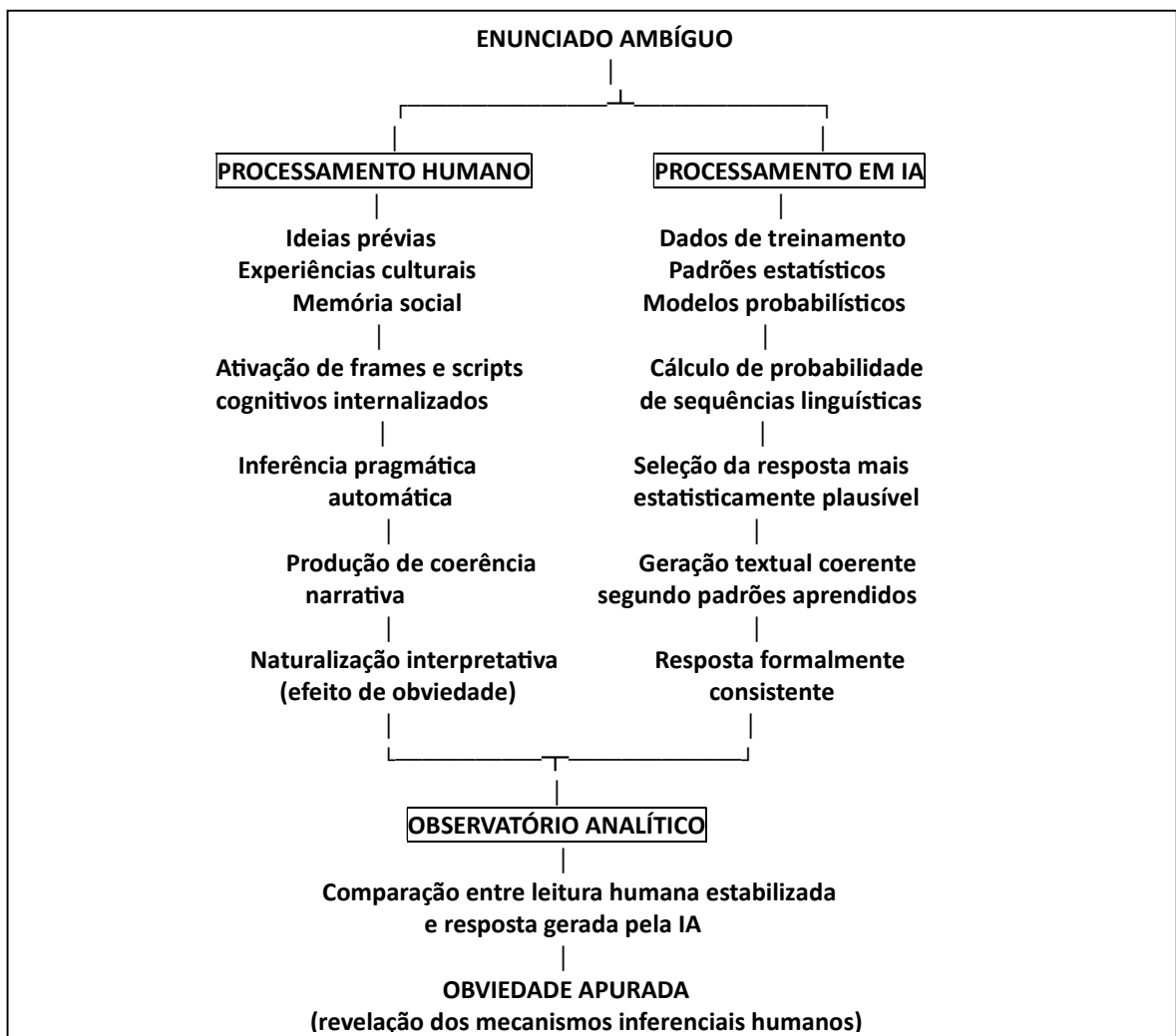
Fonte: Elaborado pelo autor.

A construção desse quadro atende a uma finalidade metodológica e analítica: tornar visível o percurso inferencial que converte enunciados potencialmente ambíguos em interpretações percebidas como óbvias. Ao articular situação-enunciado, leitura estabilizada, *frame* ou *script* ativado e referência conceitual, o dispositivo transforma categorias teóricas em material observável.

3.4 Arquitetura Comparativa da Produção da Obviedade

O estudo evidenciou que a conversão de um enunciado ambíguo em obviedade não decorre de necessidade lógica da linguagem, mas da ativação de ideias prévias e inferências automatizadas. O Organograma 1 justifica-se como recurso de síntese comparativa, organizando o percurso entre enunciado, processamento humano, processamento em IA e obviedade apurada, materializando a tese central da investigação.

Organograma 1: Produção da Obviedade: Pensamento Humano e Inteligência Artificial



Fonte: Elaborado pelo autor

O Organograma 1 demonstra que o pensamento humano converte ambiguidade em obviedade por meio da ativação de ideias prévias e inferências naturalizadas, enquanto a inteligência artificial opera com base em padrões estatísticos de treinamento. Essa característica aproxima-se do que a literatura recente descreve como sistemas estatísticos de modelagem de linguagem, cuja competência textual não implica compreensão semântica no sentido forte (Bender *et al.*, 2021; Bommasani *et al.*, 2021).

Diferentemente do pensamento humano, modelos de linguagem de larga escala operam por predição probabilística de tokens com base em padrões aprendidos em grandes corpora textuais (Brown *et al.*, 2020; Bender *et al.*, 2021), sem acesso a experiência vivida ou intencionalidade fenomenológica.

À luz de Wittgenstein, o sentido emerge do uso situado nas práticas de vida; com Lakoff (1995), compreende-se que tais práticas são estruturadas por esquemas corporificados; e, em Schank & Abelson (1977), essas regularidades assumem a forma de scripts narrativos que orientam a antecipação. O fenômeno observado pode, assim, ser compreendido como convergência entre uso, enquadramento e expectativa, e não como transparência semântica do enunciado.

4 METODOLOGIA APLICADA

A investigação configura-se como um ensaio qualitativo de natureza fenomenológico-pragmática, exploratório e idiográfico⁴, voltado à compreensão dos processos de produção de sentido em interações humano-IA. O estudo estruturou-se a partir de três eixos metodológicos principais: (i) levantamento e análise bibliográfica; (ii) interações empíricas com sistemas de IA, tomadas como dispositivo heurístico de análise metacognitiva; e (iii) discussão coletiva e observação reflexiva, orientadas à explicitação dos fatores cognitivos e pragmáticos na construção de obviedades interpretativas.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico em bases científicas como *ResearchGate*, *Scopus*, *Even3* e repositórios correlatos; com descritores relacionados a filosofia da linguagem, cognição, inteligência artificial, racionalidade algorítmica e pragmática. Dentre as publicações examinadas e plataformas consultadas ao longo do levantamento bibliográfico, foram inicialmente identificadas 53 referências pertinentes ao tema. Foram identificadas 53 referências pertinentes e, após análise de aderência teórica e relevância para a problemática investigada, 16 foram selecionadas para fundamentar este ensaio.

Paralelamente, conduziram-se interações realizadas com modelo GPT-5 mini, temperatura padrão, sem instruções de sistema adicionais, em sessão isolada., por meio de questões abertas e reformuladas, observando variações nas respostas frente à ambiguidade e

⁴ Idiográfico refere-se a uma abordagem metodológica voltada à análise aprofundada de casos singulares e contextos específicos, privilegiando a compreensão detalhada de fenômenos particulares em vez da formulação de generalizações universais, sendo um método de conhecimento que trata de fatos considerados individualmente.

revelando inferências pragmáticas e preenchimentos automáticos de lacunas. Capturas de tela foram registradas como material empírico ilustrativo.

Complementarmente, realizou-se uma discussão em grupo via aplicativo de redes sociais, na qual os estudantes analisaram coletivamente as respostas da IA, refletindo sobre obviedade, coerência, ambiguidade e interpretação, funcionando como dispositivo de validação reflexiva e evidenciando a mediação social na construção do sentido.

A coleta incluiu um grupo em rede social composto por 75 membros, do qual apenas três participantes interagiram diretamente com a questão proposta. Complementarmente, a mesma pergunta foi encaminhada individualmente a outros sete contatos, totalizando dez respondentes efetivos. As idades variaram entre 20 e 50 anos, incluindo o próprio autor como participante reflexivo do processo. O delineamento não teve finalidade estatística, mas exploratória, buscando observar a convergência ou divergência interpretativa diante de um enunciado ambíguo em perfis etários e formativos distintos.

A anonimização foi integralmente preservada, uma vez que não houve identificação individual dos respondentes nem apresentação nominal das respostas apuradas, tratando-se de relato de experiência com finalidade analítica e não estatística. As manifestações ocorreram de forma simultânea no grupo e individualmente nos contatos separados, sendo consideradas apenas quanto à convergência interpretativa observada, e não quanto à autoria específica de cada resposta.

Fatores humanos, como expectativas cognitivas, repertórios culturais e tendência à completude interpretativa, também foram considerados, reconhecendo-se a influência do pesquisador na formulação das perguntas. Entre as limitações, destaca-se a simplicidade deliberada dos exemplos, que restringe a generalização, mas favorece a clareza epistemológica do fenômeno. A metodologia articula levantamento teórico, observação empírica mínima e reflexão conceitual, constituindo um percurso compatível com estudos metafilosóficos e análises críticas da linguagem e da cognição em contextos de interação com IA.

5 DISCUSSÃO

A análise das interações com a inteligência artificial, combinada às discussões em grupo e ao referencial teórico, indica que os fenômenos observados não se reduzem a erros de formulação ou limitações técnicas do sistema. A emergência da obviedade diante de enunciados ambíguos evidencia o papel central dos *frames* e *scripts* cognitivos como dispositivos automáticos de organização do sentido (Lakoff, 1990; Schank & Abelson, 1977), permitindo

que lacunas interpretativas sejam completadas com base em experiências e expectativas culturais prévias.

A interação com sistemas de IA funciona como um espelho epistemológico, tornando visíveis processos que, no cotidiano, permanecem implícitos. Ao gerar respostas plausíveis para perguntas incompletas, a IA evidencia a tendência humana à coerência narrativa e à naturalização do sentido, conforme Wittgenstein (1953/2009), para quem o significado emerge do uso social da linguagem, e não de sua estrutura formal isolada. Esse fenômeno também pode ser interpretado à luz de Grice (1975), pois inferências pragmáticas (*e.g.*, como pressuposições, máximas conversacionais e preenchimento de lacunas contextuais) são mobilizadas automaticamente pelo intérprete, explicando como o sentido percebido se mantém coerente mesmo diante de informações incompletas ou ambíguas.

A qualidade das respostas da IA depende amplamente da formulação das perguntas. Diferentemente da comunicação humana, em que lacunas podem ser preenchidas por inferências culturais compartilhadas, os sistemas algorítmicos operam por padrões estatísticos, tornando o prompt um elemento epistemologicamente central. Como observa Brandão (2026a), essa dinâmica evidencia os limites e pressupostos da razão humana, tornando visíveis frames cognitivos e automatismos normalmente implícitos. Assim, a interação com a IA funciona como um dispositivo reflexivo que revela tanto a produção pragmática da obviedade quanto a estrutura relacional do sentido (Brandão, 2026b).

As contribuições de Wittgenstein (1953/2009), Lakoff (1987), Schank & Abelson (1977) e Brandão (2026a; 2026b) permitem situar o fenômeno analisado no entrelaçamento entre práticas sociais, estruturas cognitivas e mediações técnico-algorítmicas, deslocando a interpretação de um modelo estrutural da linguagem para uma abordagem relacional e pragmática da produção de sentido. A interação com sistemas de IA, nesse enquadramento, não opera como instância de validação normativa, mas como dispositivo epistemológico de contraste, capaz de tornar visíveis os mecanismos inferenciais e as economias cognitivas que sustentam a estabilização interpretativa. O foco deixa, assim, de recair sobre a dicotomia acerto/erro para incidir sobre as condições de possibilidade que tornam determinadas leituras não apenas plausíveis, mas socialmente naturalizadas como evidentes.

Nesse horizonte, as análises sobre modelos de linguagem de larga escala como infraestruturas tecnológicas de uso generalizado, capazes de incidir sobre múltiplos domínios sociais (Bommasani *et al.*, 2021), ampliam a compreensão do fenômeno aqui examinado. Se tais sistemas passam a mediar práticas comunicativas, institucionais e decisórias, torna-se epistemologicamente relevante investigar não apenas seu desempenho técnico, mas a forma

como interagem com padrões humanos de produção de sentido. A questão desloca-se do funcionamento interno do modelo para os efeitos interpretativos que emergem da interface entre cognição humana e processamento algorítmico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste ensaio permitiram examinar a interação humano inteligência artificial como campo privilegiado para problematizar a produção do sentido, a emergência da obviedade e os limites da racionalidade humana e algorítmica. A análise do estudo de caso, articulada às discussões coletivas e ao referencial teórico, evidenciou que fenômenos aparentemente simples revelam camadas complexas de inferência pragmática, automatismos cognitivos e pressupostos culturais que estruturam a interpretação.

Em relação à questão norteadora, o estudo demonstrou que enunciados ambíguos tendem a gerar respostas percebidas como óbvias mesmo quando carecem de precisão lógica. A obviedade mostrou-se menos vinculada à estrutura formal da linguagem e mais à ativação de frames, scripts e expectativas socialmente compartilhadas, conforme sugerem Wittgenstein, (1953/2009), Lakoff (1990) e Schank & Abelson (1977).

A caracterização da IA como operando por padrões probabilísticos encontra respaldo na literatura sobre *Large Language Models* (LLMs), que os descreve como sistemas treinados para prever distribuições linguísticas a partir de grandes corpora (BROWN *et al.*, 2020). Nessa perspectiva, a produção textual não decorre de compreensão intencional, mas da modelagem estatística de regularidades. Tal distinção reforça o argumento de que o contraste observado neste estudo não opõe “erro humano” a “acerto algorítmico”, mas dois regimes distintos de processamento: um situado, culturalmente sedimentado; outro probabilístico e baseado em padrões.

O objetivo geral de analisar os processos de construção do sentido em interações com sistemas de IA foi alcançado por meio da articulação entre exploração empírica mínima e reflexão teórica. Os objetivos específicos, voltados à compreensão do papel do paradoxo e da reflexividade cognitiva, foram contemplados especialmente na abordagem da IA como espelho epistemológico, em diálogo com Brandão (2026a; 2026b).

A crítica de Bender *et al.* (2021) ao caráter meramente estatístico desses modelos, descritos como sistemas que reproduzem padrões sem acesso semântico ao mundo, contribui para qualificar essa análise. Se os LLMs operam como mecanismos de recombinação probabilística, sua divergência interpretativa não resulta de compreensão alternativa do

contexto, mas de distribuição distinta de probabilidades. Paradoxalmente, é justamente essa limitação que os torna dispositivos heurísticos relevantes para expor pressuposições humanas naturalizadas

As hipóteses foram tratadas de modo interpretativo. Confirmou-se que a obviedade constitui efeito cognitivo social, não propriedade intrínseca da linguagem. Evidenciou-se também que a IA permite expor automatismos interpretativos e dependência de estruturas pragmáticas. A formulação do questionamento mostrou-se epistemologicamente central, pois a qualidade das respostas depende diretamente da clareza e da estrutura das perguntas.

O dado empírico indicou que a interpretação não resultou de exame lógico formal do enunciado, mas da ativação imediata de um esquema cognitivo compartilhado que converteu inferência implícita em obviedade coletiva. A unanimidade das respostas revelou que a coerência interpretativa se ancora na convergência de estruturas culturais internalizadas. Em contraste, a lógica exige a suspensão dessas pressuposições para avaliar as possibilidades semânticas efetivamente contidas na formulação. Nesse cenário, a Inteligência Artificial operou como instrumento de aferição, permitindo tensionar a leitura estabilizada e revelar que o evidente decorre de seleção inferencial e não de necessidade lógica. Diferentemente do pensamento humano, modelos de linguagem de larga escala operam por predição probabilística de tokens com base em padrões aprendidos em grandes corpora textuais (Brown *et al.*, 2020; Bender *et al.*, 2021), sem acesso a experiência vivida ou intencionalidade fenomenológica.

Mesmo reconhecendo o caráter idiográfico e exploratório da investigação, os resultados sugerem que a interação humano IA pode funcionar como dispositivo reflexivo capaz de deslocar certezas naturalizadas e ampliar a consciência sobre os mecanismos que sustentam a produção do sentido. Assim, mais do que oferecer respostas definitivas, o ensaio contribui para reformular o problema, indicando que compreender a obviedade implica compreender como a cognição administra a ambiguidade e estabiliza o mundo por meio de seleções contingentes.

Como desdobramento, propõe-se investigar se os mesmos padrões de inferência automática e preenchimento pragmático se reproduzem em contextos de maior complexidade, como decisões éticas, políticas ou jurídicas mediadas por sistemas algorítmicos. A ampliação do campo empírico pode contribuir para aprofundar a compreensão das implicações epistemológicas da inteligência artificial.

Em última instância, o estudo sustenta que a obviedade não constitui atributo intrínseco do enunciado, mas efeito relacional produzido pela convergência entre esquemas cognitivos, práticas sociais e mecanismos inferenciais que estabilizam a ambiguidade como evidência.

REFERÊNCIAS

- BENDER, E. M.; GEBRU, T.; MCMILLAN-MAJOR, A.; SHMITCHELL, S. (2021). *On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big?* In: Proceedings of the 2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency (FAccT '21). New York: ACM, p. 610–623. DOI: <https://doi.org/10.1145/3442188.3445922>.
- BOMMASANI, R. *et al.* (2021) *On the opportunities and risks of foundation models*. arXiv preprint, arXiv:2108.07258, 2021. DOI: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2108.07258>.
- BRANDÃO, I. C. (2026a). *A Autópsia dos Sentidos: Onde o indizível habita e a razão se desorienta*. [Recife: Even3, 33 p. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/400299333>>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- BRANDÃO, I. C. (2026b). *Inteligência Artificial, Racionalidade Algorítmica e Cognição Humana: Uma análise crítica dos discursos de hype, dos riscos éticos, da analogização e dos limites epistemológicos*. [PDF]. Recife: Even3 Publicações, 2026B, Jan. 19, 22p. DOI: 10.29327/7770134. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/399875006>> . Acesso em: 17 fev. 2026.
- BROWN, T. B. *et al.* (2020). Language models are few-shot learners. In: *Advances in Neural Information Processing Systems (NeurIPS 33)*. p. 1877–1901. DOI: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2005.14165>.
- CLARK, A. (1997). *Being There: Putting Brain, Body, and World Together Again*. Cambridge, MA: MIT Press. Disponível em: <<https://faculty.sites.iastate.edu/tesfatsi/archive/tesfatsi/BeingThere.AClark1998.EntireBook.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2025.
- CLARK, H. H. (2012). *Using Language*. Cambridge: Cambridge University Press. ISBN:9780511620539. DOI: <<https://doi.org/10.1017/CBO9780511620539>>.
- OPENAI. (2026). *Interações realizadas com modelo GPT-5 mini, temperatura padrão, sem instruções de sistema adicionais, em sessão isolada* .(modelo GPT-5 mini), registradas pelo autor, 17 fev. 2026.
- GRICE, H. P. (1975). *Logic and Conversation*. In: COHEN, P. R.; MORGAN, J. L. (eds.). *Syntax and Semantics, Volume 3: Speech Acts*. New York: Academic Press, 1975, p. 41–58. Disponível em: <<https://lawandlogic.org/wp-content/uploads/2018/07/grice1975logic-and-conversation.pdf>>. Acesso em: 19 fev.2026.
- HUTCHINS, E. (1995). *Cognition in the Wild*. Cambridge, MA: MIT Press. DOI: <<https://doi.org/10.7551/mitpress/1881.001.0001>>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- LAKOFF, G.(1990). *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. 1st. Edition, Chicago: University of Chicago Press, 632 p. ISBN: 978-0226468044.
- ROSSETTI, R.; ANGELUCI, A. (2021). *Ética Algorítmica: questões e desafios éticos do avanço tecnológico da sociedade da informação*. [online] [PDF]. São Paulo: PucSP- Galaxia, p. 1-120 (19 p). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3996/399666587032/399666587032.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- SCHANK, R. C.; & ABELSON, R. P. (1977). *Scripts, Plans, Goals, and Understanding: An Inquiry into Human Knowledge Structures*. 1ST ed., Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 266 p. ISBN: 978-0898591385.
- SPERBER, D., & WILSON, D. (1986). *Relevance: Communication and Cognition*. Second Edition, USA Oxford: Blackwell, 331 p. Disponível em: <https://monoskop.org/images/e/e6/Sperber_Dan_Wilson_Deirdre_Relevance_Communica_and_Cognition_2nd_edition_1996.pdf>. Acesso em 27 fev.2025.
- SUCHMAN, L. A. (1985). *Plans and Situated Actions: The Problem of Human-Machine Communication*. California: Palo Alto Research Centers, 163 p. Disponível em: <<https://www.cs.colby.edu/courses/J16/cs267/papers/Suchman-PlansAndSituatedActions.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2025.
- WITTGENSTEIN, L. (2009). *Philosophical Investigations*. Trans. G. E. M. Anscombe. Oxford: Blackwell, Título original: *Philosophische Untersuchungen*, 1953. Tradução brasileira: Investigações Filosóficas. Petrópolis: Vozes, 250 p.